

No grande acampamento, em meio à poeira, lonas e galpões de madeira, havia uma casa que destoava do cenário improvisado. Era de alvenaria, com paredes grossas de concreto e um subsolo com 2,5 metros de profundidade. Uma pequena fortaleza próxima ao canteiro de obras que erguia a nova capital. A casa dá nome hoje a uma praça na Candangolândia: A praça da Caixa-Forte. Mas onde a caixa está? Poucos sabem. O espaço, agora ocupado por uma biblioteca pública, esconde o primeiro cofre de Brasília construído debaixo da terra.

O endereço do dinheiro da capital em construção, entre 1956 e 1960, estava a poucos metros do galpão que serviu de sede para Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Especialmente construída para guardar o tesouro local, hoje carece de referência histórica. Crianças folheiam livros sem saber que sob elas está a memória do dinheiro candango. Não há placa ou informação de que o local foi o primeiro banco da capital.

Nele, estavam guardadas as moedas e cédulas com que se pagava o suor das mãos calejadas dos candangos. Todos os valores monetários da capital eram guardados naquele subsolo de 20 metros quadrados sob uma casa de um pavimento com janelas reforçadas.

Apesar de ser o coração financeiro da capital que nascia, pouco se registrou a respeito do cofre. A casa erguida acima da caixa-forte foi destruída, mas o cofre permaneceu escondido debaixo da terra. Em 1996, a casa foi reconstruída e adaptada para ser uma biblioteca pública. O cofre, no entanto, permanece como um lugar que ficou no passado.

A administração regional da Candangolândia bem que tenta cuidar de seu patrimônio, mas, com escassos recursos, enfrenta dificuldades. A casa do cofre é tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas nem esse fato faz dela hoje um ponto turístico.

Quarenta e quatro anos depois da inauguração da capital, é outro cofre que atrai os olhares não apenas dos brasilienses, mas de todo o país. A capital tem hoje um cofre-monumento, um edifício de 21 andares com mais seis subsolos, marca suntuosa do poder. Está no 6º subsolo do Banco Central (BC), enterrada numa profundidade dez vezes maior que a do primeiro cofre de Brasília.

“Um vigia o outro”

Quando a cidade foi inaugurada, o Banco Central ainda não existia. Foi criado quatro anos depois, durante o governo de Castelo Branco. Em 1960, havia apenas a Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc). O Banco Central só ganhou sua sede própria em 1979. Hoje o lugar mais vigiado da capital está a 30 metros abaixo do Eixinho. O acesso é tão restrito como o primeiro cofre, mas a sofisticação do esquema de segurança é incomparável.

Dos 2.100 funcionários do BC, apenas 25 servidores têm autorização de acesso ao 6º subsolo. São funcionários que trabalham enclausurados e vigiados o tempo todo. A reportagem do *Correio* teve autorização para visitar a caixa-forte do Banco Central desde que respeitando algumas restrições de imagem. Um lugar onde é necessário que o ar-condicionado garanta 100% de renovação de ar, enquanto que em ambientes normais ela é de apenas 15%. O cheiro de tinta das milhares de cédulas empilhadas, de tão forte, pode ser sentido no andar acima.

Quem trabalha no cofre tem horário de entrada e saída controlado. “A tensão faz parte da rotina do trabalho, sim. Um vigia o outro. Ninguém circula sozinho. Só se pode andar em dupla”, revela o gerente-técnico de Meio Circulante, Sérgio de Castro. O administrador de empresas, de 48 anos, é o chefe da caixa-forte. “Tem funcionário que não se adapta, se sente mal trabalhando num lugar como esse, fechado, sem janelas, em baixo da terra”, conta Sérgio, que está na função há dez anos. “Aqui estamos num grande Big-Brother. Tudo é monitorado por câmeras de vídeo”, brinca.

ONDE ESTÁ O DINHEIRO...

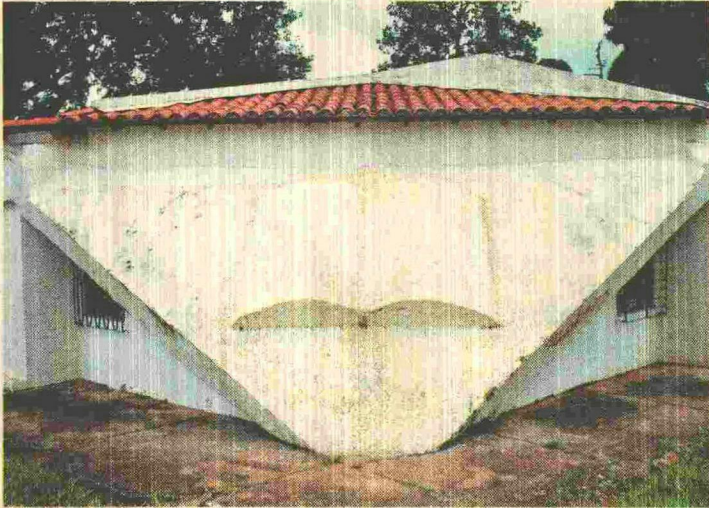
Jefferson Rudy



O LUGAR MAIS VIGIADO DE BRASÍLIA FICA 30 METROS ABAIXO DO EIXINHO. QUEM LÁ TRABALHA NÃO PODE SER IDENTIFICADO PELOS DE FORA

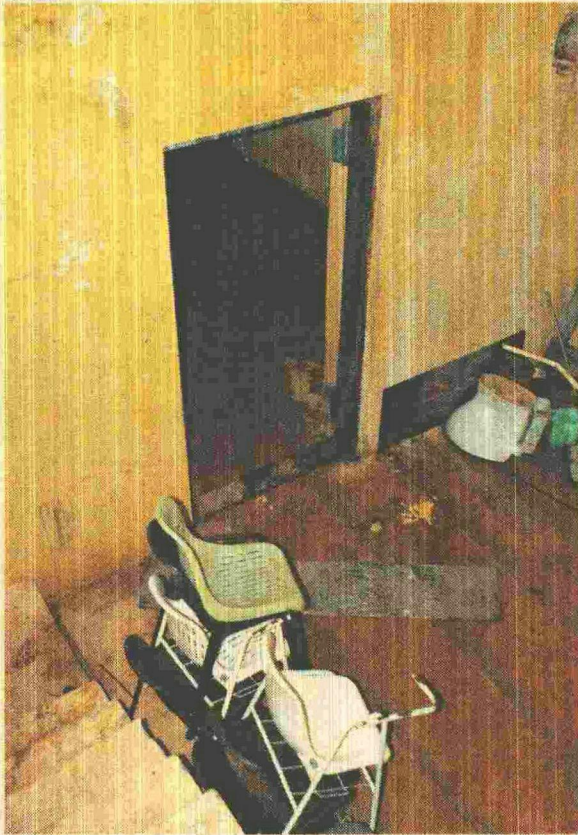
... E ONDE ELE ESTAVA

Gilberto Alves



A BIBLIOTECA PÚBLICA DA CANDANGOLÂNDIA FOI CONSTRUÍDA SOBRE O COFRE ONDE FICAVA O DINHEIRO DA CIDADE QUE SURGIA

Gilberto Alves



James Bond

O BC funciona como o banco dos bancos. Lá se deposita, saca e também se destrói dinheiro. Na caixa-forte existe a sala de “fragmentação”, ou seja, a sala de fazer picadinho de dinheiro. Cinco milhões de cédulas são destruídas semanalmente por estarem velhas ou sujas. O BC controla a quantidade de dinheiro em circulação. Hoje, no país, há três bilhões de cédulas e nove bilhões de moedas.

A grande porta da Caixa-Forte pode ser descrita como cenário de filme de James Bond. O esquema de segurança impede a divulgação de detalhes. Pode se contar que são necessárias três chaves, que estão em mãos de diferentes funcionários. Indiferente a valores, um simples funcionário circula à vontade pelo cofre. Entra e sai dele dezenas de vezes por dia. É R.S., 33 anos, operador de empilhadeira. Morador da Ceilândia, há seis anos trabalha no cofre por caraminguá de R\$ 400. O funcionário não tem a menor noção dos milhões que empilha. “É tanto dinheiro que não consigo nem imaginar quanto é. Mas já me acostumei em vê-lo todo o dia. Parece até que é de mentira”, diz o mineiro, pai de dois filhos. Jura que as notinhas não lhe tentam: “O que eu ganho dá para sobreviver”, conforma-se.

O funcionário fica enclausurado no subsolo das 8h30 às 17h30. Não é permitido permanecer no local fora desse horário. O almoço é feito num pequeno refeitório na área da Caixa-Forte. “Só minha família sabe que eu trabalho aqui”, diz ele. Com exceção do chefe do setor, nenhum funcionário que ali trabalha pode ser identificado por questão de segurança.

O 6º subsolo guarda um tesouro artístico nacional. Um acervo de 200 telas de pintores como Portinari, Volpi, Tarsila do Amaral, entre outros. A pinacoteca do Banco Central, de tão valiosa, precisa estar protegida na Caixa-Forte. As obras estão em ambiente especial, com controle de temperatura (mantida a 23 graus). A umidade não passa de 50%. O BC esse ano vai encomendar uma avaliação do precioso acervo. A última, feita há 11 anos, avaliou as telas em 10 milhões de dólares. Uma pequena mostra desse tesouro, obras de Portinari, está em exposição no museu do Banco Central.

Obra referência

Do cofre-acampamento de 1960 para o cofre-monumento de 2004, o cenário bancário de Brasília se transformou astronomicamente. Mudanças vividas por pioneiros que hoje se surpreendem ao lembrar do Setor Bancário de décadas atrás. “Antes de ter sede própria, a presidência do Banco Central funcionava no sexto andar do Banco do Brasil”, lembra Basílio Baffi, 52 anos e 30 de BC.

Ele lembra que, ainda como aluno de engenharia da UnB, visitou o que viria ser o canteiro de obras do Banco Central em 1972. “A obra virou referência para os engenheiros. Chegou a ter 500 operários”, lembra ele. Dez mil metros quadrados de cerrado deram lugar ao prédio-monumento de 100 metros de altura, onde circulam hoje três mil pessoas diariamente.

Um lugar tão grande que o funcionário mais antigo do BC, Hélio de Andrade Carvalho, 58 anos, até hoje não conhece bem. Hélio foi aprovado no primeiro concurso para o banco, em 1966, e saiu de Niterói (RJ) para desbravar a nova capital. Trabalhou durante muitos anos no Setor Comercial Sul e foi apenas em 2001 que se transferiu para a sede do banco no setor bancário. “Brasília não era tão ruim como diziam. Era um paraíso para mim. Um lugar onde a gente podia pedir carona. Nós, funcionários do banco, éramos como uma família”, lembra ele.

Hélio surpreendeu-se ao entrar pela primeira vez, com a reportagem do *Correio*, na sala mais importante do BC. No restrito 8º andar, onde são realizadas as reuniões mensais do Comitê de Política Monetária (COPOM). “Nunca tinha entrado aqui. Eu trabalho lá na toca, no 5º subsolo. Nunca subo”, diz ele.

O Banco Central é, assim, um pedaço de Brasília que todos conhecem pela fachada imponente, mas que é preenchido por histórias simples de diversos anônimos que fazem do prédio, como da capital, um lugar especial, a concretização de um sonho.